

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

INFORMAÇÃO SIMBÓLICA E REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS: CONFRONTO DE SENTIDOS NAS NARRATIVAS QUE (IN)FORMAM AS MULHERES DE NOIVA DO CORDEIRO

Juliana Andrade Perdigão (Universidade Federal de Minas Gerais)

Fabício José Nascimento da Silveira (Universidade Federal de Minas Gerais)

SYMBOLIC INFORMATION AND IDENTITY REPRESENTATIONS: CONFLICT OF MEANING IN NARRATIVES THAT (IN)FORM THE WOMEN FROM NOIVA DO CORDEIRO

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente artigo discute as maneiras pelas quais a informação permeia o processo de elaboração das representações identitárias atribuídas e ressignificadas pelos moradores, especialmente as mulheres, da comunidade rural Noiva do Cordeiro, localizada a 100 quilômetros de Belo Horizonte, em Minas Gerais. A coleta dos dados centrou-se em um documentário exibido pelo canal GNT, cuja narrativa focava a história de isolamento e preconceito vivida por tais mulheres. Por meio do método de interpretação de sentidos proposto por Minayo (2016), buscou-se evidenciar os sentidos a partir dos quais certos discursos representacionais e identitários são elaborados, disseminados, confrontados e ressignificados. Razão pela qual se considerou a realidade social – marcada pela desigualdade e pelas assimetrias de poder – em que os sentidos são produzidos. Dentre os principais resultados destacam-se o desvelamento tanto do caráter ideológico quanto da dimensão narrativa da informação, tratada aqui como forma simbólica, a partir da qual as mulheres de Noiva do Cordeiro reelaboram as próprias representações identitárias e o modo como desejam ser percebidas.

Palavras-chave: Informação simbólica; Representações sociais; Representações identitárias; Produção de sentidos; Caráter ideológico da informação; Noiva do Cordeiro.

Abstract: This article aims to discuss the ways in which information becomes part of the process of elaboration of identity representation given and interpreted by the women living in the rural community of "Noiva do Cordeiro", located 100 kilometers from Belo Horizonte in Minas Gerais. The data was collected mainly from a documentary aired by GNT channel, in which the narrative focused on the history of isolation and prejudice suffered by those women. From the meaning interpretation method proposed by Minayo (2016), there was an attempt to show the meaning from which certain representation and identity discussions are elaborated, distributed, confronted and reassigned. The reason why the social reality was considered - marked by inequality and power asymmetries - whereby

meaning is produced. Among the main results, it's worth noting both the ideological character and the dimension of the information narrative, treated here in a symbolic form, whereby the women from Noiva do Cordeiro recreated their own identity representation and how they wish to be perceived.

Keywords: Symbolic information; Social Representations; Identity representation; Social Information; Ideology and Information; Women from *Noiva do Cordeiro*.

1 INTRODUÇÃO

No contexto geral deste artigo concebe-se a informação como uma construção social e simbólica da realidade efetivada por sujeitos em permanente processo de interação. A partir desse enfoque, o fenômeno informacional é pensado em suas múltiplas dimensões: política, econômica, histórica e cultural. Em outras palavras, apreende-se a questão informacional por meio de contextos e ações concretas edificadas por sujeitos que constroem saberes, identidades e dinamizam a cultura (ARAÚJO, 2017, p.24). Razão pela qual analisamos as dinâmicas informacionais não como manifestações neutras em relação ao mundo, mas, sim, como produtos das relações humanas inscritos no contexto da sociedade de classes, onde interesses divergentes se manifestam na arena social. (REIS, 2007, p. 26).

Partindo dessas prerrogativas, consideramos que a informação constitui-se em referente simbólico de produção de sentido a partir do qual sujeitos e comunidades constroem suas formas de ver e conhecer o mundo e, também, os modos como querem ser vistos. Dito de outra maneira, entendemos que a informação se configura em uma das bases do processo representacional, movimento a partir do qual sujeitos e grupos específicos representam a si, ao outro e o mundo.

Atentando para essa dimensão representacional da informação, o presente artigo visa compreender como os moradores, em especial as mulheres, da comunidade rural Noiva do Cordeiro, localizada a 100 quilômetros de Belo Horizonte, em Minas Gerais, percebem as representações identitárias criadas para eles e que estratégias empreendem para definirem o modo como querem ser vistos e representados. Em função disso, estabelecemos um diálogo com a Teoria das Representações Sociais (TRS), campo do conhecimento que privilegia o estudo das “formas de pensamento do senso comum que servem como guia para a compreensão da realidade cotidiana” (JODELET, 1989, p. 36).

Como são construídas pelos sujeitos, as representações sociais podem ser elaboradas no contexto do grupo ou atribuídas a ele, em função disso o fenômeno representacional mostra-se intimamente ligado aos processos identitários. Isto porque, as operações de

categorização, ancoragem e objetivação não se desenrolam em um mundo vazio de sentido. Pelo contrário, ao produzir comparações, estabelecer diferenças e semelhanças o ato de representar preconiza a existência de um conjunto multivariado de referências e significados vinculados tanto ao seu processo de efetivação quanto ao reconhecimento por parte daqueles a quem se representa. Sedimentando-se no âmbito das interações cotidianas, o estudo das representações sociais nos possibilita, pois, apreender como certos enquadramentos identitários são constituídos e ressignificados, bem como a informação – sobretudo em suas dimensões simbólica e ideológica – incide em cada um desses processos.

Eis o que pretendemos demonstrar com o presente estudo ao descrevermos a comunidade rural Noiva do Cordeiro – focando em sua história de isolamento e difamação – e ao interpretarmos, sob o ponto de vista informacional, o movimento coletivo empreendido pela própria comunidade em prol da ressignificação das representações identitárias atribuídas às mulheres que a compõe. Em termos metodológicos, a coleta de dados foi feita a partir do documentário *Noivas do Cordeiro*¹, produzido pela BemVinda filmes e exibido pelo canal GNT, e a análise elaborada por meio do método de interpretação de sentidos proposto por Minayo (2016). Tendo-se em vista essa conjunção de elementos, ressaltamos que o que se pretende aqui é responder à seguinte questão: *de quais maneiras a informação, em sua dimensão social e simbólica, permeia a elaboração das representações identitárias que envolvem as mulheres da comunidade rural Noiva do Cordeiro?* Para tanto, começamos por contextualizar histórica e socialmente como a comunidade se formou e se desenvolveu.

2 NOIVA DO CORDEIRO: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Noiva do Cordeiro é uma comunidade rural localizada próximo ao município de Belo Vale, região central de Minas Gerais, a 100 quilômetros de Belo Horizonte. Quem entra no pequeno povoado encontra, à primeira vista, uma realidade parecida com a de muitas outras localidades rurais, sobretudo em termos do trabalho com a terra. No entanto, boatos sobre prostituição provocaram, por mais de uma década, o isolamento de Noiva do Cordeiro. História que se tornou conhecida do grande público em 2008 por meio do filme “Noivas do Cordeiro”. Produzido pela empresa BemVinda filmes e exibido pelo canal GNT, o documentário foi divulgado com a seguinte sinopse:

¹ Documentário “Noivas do Cordeiro”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cVmj1hORxso>

O filme conta a história da localidade Noiva do Cordeiro, no município de Belo Vale, a cem quilômetros de Belo Horizonte, que é aparentemente uma comunidade rural como tantas outras. No entanto, carrega características que a faz diferente, já que as mulheres são maioria absoluta e sofrem de forte preconceito e isolamento. Tudo graças a um evento que mudou a 'fama' das mulheres, vistas como prostitutas, perdidas. Os boatos afetaram a vida na comunidade. (GNT, 2008).

Esses boatos começaram a se espalhar no final dos anos 1990 quando a igreja evangélica existente na comunidade – Igreja Noiva do Cordeiro – foi derrubada² e seus moradores abandonaram a prática religiosa. Soma-se a essa, outra história, segundo a qual os fundadores da comunidade – Maria Senhorinha e Francisco Fernandez – teriam sido excomungados por volta dos anos de 1890 por uma união marcada pelo adultério.

Em Noiva do Cordeiro não há celebrações, batizados ou casamentos. Fato que, aliado ao antigo relato da excomunhão, produziram representações estigmatizantes para seus moradores, em especial para as mulheres, corroborando, assim, para seu isolamento social. Isolamento que começou a ser rompido em 2008 quando, por meio do documentário e de outras ações³ a comunidade desencadeou um profundo processo de tensionamento e de ressignificação das representações a ela atribuídas. Atentando, pois, para esse processo de tensionamento, formulamos a seguinte indagação: de que maneira a informação, concebida enquanto fenômeno social, incide e modula os processos de negociação a partir dos quais certos discursos representacionais e identitários são elaborados, aceitos e confrontados? Responder essa questão implica, além de demarcar o caráter social da informação, atentar para seus aspectos simbólicos e ideológicos e como eles conformam determinados quadros de sentido responsáveis por reforçar ou contestar certas relações de dominação.

3 INFORMAÇÃO SOCIAL E FORMAS SIMBÓLICAS: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DAS DINÂMICAS DE PRODUÇÃO DE SENTIDO

² Ato vinculado à morte do pastor que fundou a Igreja cujo nome – Igreja Noiva do Cordeiro – passou a designar a comunidade. Segundo depoimentos dos moradores, por praticar uma interpretação messiânica dos escritos bíblicos, o referido pastor impunha aos moradores, especialmente às mulheres, uma rígida rotina religiosa.

³ Em função da repercussão do documentário reproduzido pelo canal GNT, a comunidade se abriu ao turismo e começou a desenvolver estratégias de produção e disseminação de informações sobre si mesma, entre as quais destacamos: um segundo documentário foi produzido pelos próprios moradores; um canal de vídeos no Youtube foi criado e já conta com quase 3.000 inscritos; a realização de shows artísticos para entreter os turistas e elegeram uma vereadora oriunda da própria comunidade.

No presente estudo o sujeito não é pensado a partir de ações específicas como a busca ou a recuperação de certa informação, mas como produtor de sentido inscrito no contexto do cotidiano. Para tanto, faz-se necessário perceber o indivíduo como parte desse contexto⁴, mas não totalmente determinado por ele, uma vez que, conforme Araújo (2017, p.229), a determinação existe, é real, mas não é mecânica nem absoluta, é interpretada e alterada pelo sujeito. Avançando nessa discussão e seguindo as trilhas de Martins (2015), torna-se possível considerarmos a informação como uma forma simbólica, à luz de Thompson (2000), para quem as formas simbólicas podem ser palavras, gestos, expressões. Segundo o autor, as formas simbólicas podem também ser não linguísticas, como uma imagem visual, e congregam em torno de si cinco grandes aspectos: intencionais, convencionais, estruturais, referenciais e contextuais⁵.

Em consonância com esses cinco aspectos, as dinâmicas de produção e apropriação da informação aproximam-se daquilo que Marteleto (1995) definiu como prática informacional: “mecanismos mediante os quais os significados, símbolos e signos culturais são transmitidos, assimilados ou rejeitados pelas ações e representações dos sujeitos sociais em seus espaços instituídos e concretos de realização.” (MARTELETO, 1995, p. 4). A partir dessa dimensão ativa das práticas informacionais torna-se possível referendar que os indivíduos não absorvem passivamente as formas simbólicas, eles produzem sentidos e atuam criativamente no processo de instituição e representação da realidade. Com isso, quando falamos em apropriação e produção da informação, estamos vinculando tais práticas a contextos múltiplos contextos socioculturais de produção de discursos, representações e valores que “informam cada existência, fornecendo a cada sujeito um modelo de competência (cognitiva, discursiva,

⁴ Segundo Cardoso (1994), analisar a informação em contexto implica considerar: a) A *historicidade* dos sujeitos que contextualizam a informação em relações culturalmente determinadas; b) A *totalidade* dos fenômenos sociais em que a informação não é percebida apenas como um fenômeno isolado; e c) A *tensionalidade* presente em diversos grupos, classes e sujeitos que disputam a hegemonia.

⁵ Formulando sua discussão em diálogo com Thompson (2000), Ana Amélia Martins ressalta que o aspecto *intencional* é aquela característica da forma simbólica que é percebida como expressão dos sujeitos, ou seja, quando os sujeitos produzem formas simbólicas com o propósito de expressar algo. A dimensão *convencional* assinala os processos que envolvem códigos e convenções que governam a interação dos indivíduos. O aspecto *estrutural* refere-se às construções que revelam uma estrutura simbólica, a totalidade em que as formas simbólicas estão inseridas e as inter-relações dos seus elementos. Por sua vez, a dimensão *referencial* indica que essas construções representariam alguma realidade, que elas se referem a algo. Por fim, a quinta dimensão – a *contextual* – assinala os contextos sócio-históricos, considerando que os sujeitos são situados dentro de um contexto específico e dotados de diferentes recursos para produzir, receber e transmitir as formas simbólicas.

existencial) para dirigir suas vidas, para se relacionar com os outros, com a sociedade”. (MARTELETO, 1994, p. 87).

Sendo assim, ao caracterizarmos a informação como uma forma simbólica que ganha existência no mundo social, podemos questionar em que medida suas dinâmicas de produção a apropriação reproduzem ou desvelam relações de poder e dominação. Uma chave de leitura acerca desses questionamentos nos é fornecida por Thompson (2000) a partir de suas proposições sobre o caráter ideológico das formas simbólicas em contextos sociais marcados por relações assimétricas de poder. Segundo esse autor, em situações e enquadramentos onde predominam a disparidade na distribuição e no acesso a recursos de diferentes ordens – econômica, cultural e informacional, por exemplo – os indivíduos agiriam com maior ou menor liberdade nos inúmeros cenários ou contextos representacionais em que suas vidas e relações transcorrem. Por conseguinte, o caráter ideológico das formas simbólicas explicitado por Thompson (2000) não se mostra restrito apenas a formas de poder ancoradas na esfera política ou no domínio de certas instituições, uma vez que perpassaria, também, as relações sociais, inclusive aquelas associados à informação e aos processos representacionais.

Não sem razão, ao se indagar como as formas simbólicas regulam diferentes relações de dominação, Thompson (2000) indica cinco matrizes operativas a partir das quais esse caráter ideológico se daria a ver, são elas: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação. Em termos analíticos, Thompson (2000) assinala que relações de dominação podem ser sustentadas ou representadas como legítimas, como justas e expressas por meio de estratégias de construção simbólica voltadas à legitimação de ideias, interesses ou mesmo o exercício do poder. Por sua vez, a dissimulação, prescrita como *modus operandi* da ideologia, implica em mecanismos para ocultar, negar ou obscurecer as relações de dominação, com isso, as formas simbólicas podem ser mobilizadas para representar relações de uma maneira que desvie a atenção dos processos existentes.

Unificar os indivíduos em uma identidade coletiva evidencia outra faceta ideológica das formas simbólicas, posto que tal processo ampara-se na padronização e na simbolização de certas unidades de significação para desqualificar as diferenças e particularidades entre as pessoas de um grupo. Em paralelo a isso, a fragmentação opera no sentido de projetar representações negativas para certos sujeitos ou grupos, de modo a segmentá-los e a enquadrá-los como “maus, perigosos e ameaçadores e contra os quais os indivíduos são

chamados a resistir coletivamente ou a expurgá-los.” (THOMPSON, 2000, p. 87). Por fim, temos a reificação, marcador ideológico que ganha corpo por meio de construções simbólicas em que uma situação transitória é retratada como permanente e natural. Por intermédio da reificação, discursos e ações ideológicas tomam como natural e inevitável um estado de coisas que só existem em função de determinado momento histórico e determinada criação social, “como, por exemplo, a divisão socialmente instituída do trabalho entre homens e mulheres pode ser retratada como um resultado de características fisiológicas nos sexos, ou de diferenças entre sexos”. (THOMPSON, 2000, p. 88).

Tendo em vista tais elementos, perceber o sujeito como agente capaz de refletir criticamente, de questionar e agir para mudar as condições de vida em que se insere e as representações a ele atribuídas implica compreender, então, como a informação simbólica mobiliza sentidos e ampara certas relações de dominação. Isso porque, ainda de acordo com Thompson (2000, p. 89), mesmo que essas dinâmicas ideológicas se efetivem em contextos onde existam diferenças reais de acesso a certos recursos, a apreensão e análise do modo pelos quais as formas simbólicas operam pode revelar se elas agem para sustentar relações de dominação ou se têm em vista subvertê-las.

Assim, o estudo aqui proposto, que tem por objeto de análise as dinâmicas representacionais atribuídas a e resignificadas pelos moradores da comunidade Noiva do Cordeiro, nos possibilitará, de modo genérico e sistemático, refletir sobre a informação como forma simbólica que permeia a produção de sentidos, conhecimentos e ações que orientam suas vidas na esfera do cotidiano. Para tanto, faz-se necessário aproximarmos o estudo da informação como forma simbólica ao campo das representações sociais.

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O SIMBÓLICO E OS PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DO REAL

Em sua definição mais simples, as representações sociais configuram-se como conhecimentos do senso comum que atravessam as mais diversas formas da interação social. Elas são elaboradas a partir do esforço de se compreender e dar significado a diferentes aspectos das nossas experiências, uma vez que expressam visões de mundo responsáveis por orientar nossas ações e formas de apreensão da realidade cotidiana. Elaboradas e partilhadas socialmente, tais representações manifestam-se e ganham visibilidade nas conversações diárias, nas mensagens midiáticas e concorrem para a construção de uma realidade comum a um grupo social. (JODELET, 2001, p. 17).

Atentando-se para tais aspectos, Serge Moscovici (2003), ao estruturar a Teoria das Representações Sociais (TRS), buscou compreender os modos pelos quais os sujeitos se familiarizam com algo novo ou considerado diferente e o integram às suas vidas cotidianas. Em seus estudos, Moscovici demonstrou que a função primária de toda representação é tornar familiar aquilo que se desconhece, de maneira que saberes estocados na memória são usados para facilitar a compreensão do novo, classificá-lo e nomeá-lo. Assim, embora as representações ocupem lugar nas práticas sociais, o psicólogo social identificou dois mecanismos cognitivos vinculados à produção de significados: a ancoragem e a objetivação⁶.

Tais mecanismos possibilitam a instituição de um universo consensual que orienta os modos de agir social, como um sistema de pré-decodificação da realidade que determina um conjunto de antecipações e expectativas. Assim observado, Silveira (2012) assinala que as representações sociais emergem como resultado da experientiação dos referenciais simbólicos que informam e modulam a vida cotidiana. Condição que nos pertinente apreender as RS como instâncias de negociação de sentidos edificadas no cerne dos processos interativos. Em outras palavras, tais representações emergem nos processos de mediação entre o sujeito e o mundo que ele descobre e elabora por meio de certas formas simbólicas.

Formas simbólicas que se dão a ver por meio da linguagem discursiva ou imagética, e, também, por meio de outros tantos processos de mediação social. Por isso a comunicação, entendida aqui como processo de trocas simbólicas, constitui-se em instância privilegiada tanto para a emergência quanto para a disseminação das representações Sociais. Não sem razão, Serge Moscovici (2012) assinala três condições que facultam o florescimento e a sedimentação das RS, são elas: a *dispersão da informação*, a *focalização* e a *pressão à inferência*. De forma genérica, pode-se dizer que a dispersão da informação está associada a situações em que o contingente informacional não se mostra suficiente para conferir respostas a certas situações da vida cotidiana, havendo, portanto, difusão de sentidos e de marcadores simbólicos. Naquilo que concerne à focalização, podemos defini-la como as

⁶ A *ancoragem* refere-se à tentativa de classificar o que é estranho ao sujeito ou ao grupo. Ancorar é reduzir a categorias, é dar nomes e, nesse mesmo movimento, rotular, avaliar positiva ou negativamente. O trabalho de ancoragem integra o que não é familiar a um pensamento pré-existente, muitas vezes enraizado em nossa memória. (JODELET, 2001, p. 35). Já a *objetivação* refere-se à tentativa de transformar uma ideia em algo concreto, em uma imagem, por exemplo, visando-se materializar uma abstração. Quando rotulamos algo ou alguém podemos avaliá-lo, ao produzirmos uma imagem mental sobre um assunto, passamos a poder falar algo sobre ele. (MOSCOVICI, 2012, p. 103).

condições responsáveis por desvelar os diferentes interesses envolvidos nas representações. Soma-se a essas duas condições a pressão à inferência, ou aquelas situações em que há uma pressão social para que os sujeitos emitam opiniões sobre os fatos. Confrontados com essas três condições, os sujeitos buscam reunir – na mídia, em livros ou nas conversações diárias – as informações que faltam para objetivar certos enunciados, coisas ou situações em prol da efetivação do ato comunicativo e para que possam emitir opiniões.

Em função dessas condições, podemos afirmar que as representações sociais apresentam-se como formas simbólicas dinâmicas e em permanente processo de elaboração/ressignificação. Sendo assim, estudá-las exige considerarmos tanto os processos que incorrem em sua produção e propagação, quanto aqueles que compelem para a revisão dos sentidos que acionam, posto que, entre as representações criadas para o sujeito e as concebidas por ele, evidenciam-se certas dinâmicas de negociação de sentido a partir das quais cada sujeito pode se posicionar em prol de consolidá-las ou de rejeitá-las. Dito isso, cabe aqui delinear mais duas indagações: como as representações produzidas para as mulheres de Noiva do Cordeiro foram objetivadas e disseminadas? De que maneira essas mesmas mulheres tensionam e ressignificam esses referentes representacionais? Antes de respondê-las, buscamos aproximar o estudo das RS à problemática das representações identitárias.

5 REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS: PAUTANDO NARRATIVAS QUE (IN)FORMAM PERCEPÇÕES DE SI E DO OUTRO

O debate erigido em torno das representações identitárias é extenso e se manifesta na interseção de vários campos do conhecimento. Dito isso, interessa-nos, aqui, dialogar com certas linhas de análise que compreendem a identidade não *como aquilo que se é*, mas como um processo, como *aquilo que nos tornamos* a partir do que sabemos sobre nós em diálogo com outros. Portanto, compartilhamos da perspectiva segundo a qual a ideia de identidade como essência interior, como algo que estabiliza o sujeito, cedeu lugar a uma nova forma de entendimento a partir da globalização. Isto porque, no cerne dessa nova conjuntura espaço-temporal, os discursos identitários passam a serem formulados levando-se em consideração diferentes processos e situações do convívio social. Diante disso e dos tensionamentos trazidos à tona por sujeitos e grupos marginalizados – mulheres, negros, índios, homossexuais, etc. –, a problemática da identidade desvela-se, agora, como um processo de negociação que

se dá no movimento, no confronto entre as representações criadas para os sujeitos e/ou grupos, e as representações criadas por eles próprios. Por se fazer inscrita em terrenos de disputas, Stuart Hall (2008) sublinha a importância de compreendermos os locais históricos e institucionais onde as identidades são elaboradas. Segundo esse autor, tal fato tem a ver:

não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios. (HALL, 2008, p.109).

É a partir desse ponto que podemos assinalar as conexões que se estabelecem entre os discursos de identidade e as representações sociais. Isso porque, quando elaboramos uma representação sobre algo, sobre alguém ou sobre nós mesmos, estamos, concomitantemente, afirmando quem somos e o que pensamos sobre o mundo. Dito de modo diferente, quando edificamos narrativas representacionais acabamos por ancorar e objetificar marcadores de sentido e formas simbólicas que delimitam – e por vezes até constroem – nossos papéis sociais e os modos como nos dirigimos ou percebemos o outro com o qual interagimos.

Em função disso, apreender o *modus operandi* dessas dinâmicas implica considerar, ainda, as posições sociais ocupadas pelos sujeitos e as relações de poder envolvidas nos processos de identificação e de representação tanto de si quanto do outro. Dessa forma, no caso específico da comunidade Noiva do Cordeiro os enquadramentos de gêneros não devem ser negligenciados. Como os moradores daquela localidade são majoritariamente mulheres, os elementos constitutivos de “relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 72) instituem-se como formas moduladoras de relações de poder. Isso se explica porque as representações de gênero implicam quatro elementos relacionados entre si: os *símbolos*, que evocam representações múltiplas; os *conceitos* normativos, que limitam as interpretações do sentido de masculino e feminino; as *instituições*, como grupos religiosos e políticos, que constroem papéis tradicionais; e a *identidade subjetiva* que deve ser compreendida na sua construção histórica e relacionada com as atividades, organizações e suas representações sociais.

Relações de poder que, em ampla medida, ainda se sustentam porque estão impregnadas pelo binarismo representacional que, historicamente, modulou a categoria sexo como um dado natural. Segundo Amâncio (1993) é essa dicotomia binária interposta entre seres de “natureza” masculina e outros de “natureza” feminina (machos e fêmeas) que enrijece os critérios classificatórios em torno dos quais se organizam diferentes atributos para

homens e mulheres. Não por acaso, naquilo que tange às representações de gênero, o senso comum constitui “formas performativas” (BUTLER, 2003) que se alimentam de valores, crenças e ideologias dominantes, cujos sentidos ancoram-se em certos discursos e práticas de diferenciação sexual. Sendo assim, compreender esse sistema de imagens, representações e signos que compõem a lógica discursiva da identidade social dominante é fundamental para, segundo Margareth Rago (2013), se garantir novas possibilidades de subjetivação e de existência às mulheres. Eis o que intentamos fazer ao voltarmos nosso olhar para as representações atribuídas às mulheres da comunidade Noiva do Cordeiro e também para o movimento de ressignificação dessas representações por parte dos próprios moradores. Razão pela qual buscamos apreender, ainda, os modos como as dinâmicas de produção e apropriação da informação pautam esses processos.

6 PERCURSO METODOLÓGICO

Os dados aqui apresentados foram coletados através de diferentes técnicas: grupo focal, história oral e documental⁷ e, também, por meio da análise do documentário *Noivas do Cordeiro*, produzido pela empresa BemVinda Filmes e exibido pelo canal GNT no ano de 2008. A escolha por priorizar a análise do documentário no contexto deste artigo se deve ao fato de ter sido a partir dele que os moradores de Noiva do Cordeiro contaram publicamente sua história pela primeira vez.

Ao narrar em “primeira mão” a história das “Noivas do Cordeiro”, as estratégias enunciativas e informacionais acionadas pelo documentário convertem-se em instâncias de produção de sentido onde representações tradicionalmente instituídas podem ser contestadas ou reelaboradas. Isto porque, conforme ressaltado por França (2004), quando falamos em representações nos reportamos a um fenômeno de dupla natureza: uma vinculada à *instauração de sentidos* e outra à sua *inscrição material*.

Foi atentando para tais dimensões que não desconsideramos, aqui, o fato de o documentário ser uma nova representação, uma vez que ao reconstituir a história da comunidade fatos e informações foram selecionadas e condensadas em uma narrativa

⁷ Esse artigo é parte de uma pesquisa em fase de finalização. As entrevistas e grupos focais a que nos remetemos foram realizados entre agosto e dezembro de 2017. Em função das limitações de espaço não efetuaremos uma análise desses dados, no entanto, certos aspectos históricos e representacionais pautados pelo documentário só puderam ser compreendidos a partir das falas e discursos de representação que emergiram dos mesmos.

mediática. Para efeito de análise, olhamos primeiro para os depoimentos dos moradores, conferindo destaque às informações produzidas e narradas por eles. Assim sendo, essa *dimensão narrativa da informação* converte-se em importante chave de leitura para as questões aqui suscitadas, posto conferir visualidade “ao caráter espacial, temporal e relacional da informação, retirando-a do lugar de ‘universal’, reforçando a dimensão ‘particular’ e, portanto, menos ‘pública’ da ideia de informação”. (MARTINS, 2015, p. 151).

Contudo, não se trata de analisar esse material com vistas a identificar intenções particulares ou compreensões unilaterais dos textos e/ou imagens destacadas. Tratando-os como instâncias abertas de produção e disseminação de sentidos, buscamos identificar como a informação é usada para legitimar ou confrontar determinados enquadramentos representacionais, ou seja, como a informação enquanto forma simbólica é mobilizada tanto para dizer quem são essas mulheres (representá-las) quanto as estratégias de negociação evocadas para se contestar ou ressignificar o teor ideológico de tais representações.

A partir dessas considerações, efetivamos nossas análises em consonância com o Método de Interpretação de Sentidos proposto por Minayo (2016). Isto porque, objetivando situar os dados de suas pesquisas como sentidos da vida social, a autora recorre ao conceito de formas simbólicas tal como proposto por Thompson (2000). Transpondo essa aproximação teórico-conceitual, o Método de Interpretação de Sentidos confere acentuada importância às distintas conformações de sentido que se dão a ver tanto em termos da dimensão subjetiva dos sujeitos quanto dos posicionamentos de grupos, tanto na dimensão do texto quanto do subtexto, das falas e de ações mais amplas. Para tanto, desenvolvemos um estudo de caso tendo por referência as seguintes etapas sugeridas pela autora:

1. Depois de assistir ao documentário várias vezes, assinalamos suas particularidades tendo por guia as várias questões aqui formuladas. Feito isso, delimitamos as formas de classificação inicial, os temas;
2. Distribuímos trechos, frases ou fragmentos de cada texto/imagem de análise, a partir do esquema de classificação inicial para identificar ideias explícitas e implícitas;
3. Analisamos os núcleos de sentido das representações identificadas, buscando circunscrevê-las em temáticas mais amplas ou por eixos em torno dos quais as mesmas pudessem ser discutidas;

4. Elaboramos uma síntese interpretativa dos dados, dialogando com as questões de fundo aqui mobilizadas e com o percurso teórico traçado.

Os temas foram definidos tendo por referência a história da própria comunidade em consonância com os autores e conceitos que orientam nosso estudo. Dito isso, explicitamos que o problema geral da pesquisa pode ser delimitado por três palavras-chave: “informação”, “mulher” e “comunidade rural”. Nesse sentido, selecionamos algumas classificações representacionais: “Ser mulher na comunidade Noiva do Cordeiro” e “Modo de vida na comunidade rural Noiva do Cordeiro”. Os trechos foram selecionados e analisados a partir dos seguintes critérios: a) depoimentos dos entrevistados que se referem às mulheres e ao modo de vida na comunidade; e, b) elementos da narrativa (quem narra, o fio condutor da narrativa), com atenção aos elementos audiovisuais quando esses contribuírem para evidenciar a construção de sentidos sobre as mulheres da comunidade.

7 NA TRAMA DAS REPRESENTAÇÕES: ANÁLISE DAS NARRATIVAS QUE (IN)FORMAM A COMUNIDADE E AS MULHERES DE NOIVA DO CORDEIRO

Alguns anos após a derrubada da igreja evangélica que deu nome à comunidade, criou-se ali a Associação Comunitária Noiva do Cordeiro (ACNC), empreendimento que viabilizou a execução de um projeto, financiado por mineradoras da região, de implementação de internet em comunidades rurais. Essa novidade despertou o interesse midiático. Com isso, diversas reportagens em jornais impressos e em emissoras de TV passaram a registrar a “informatização da comunidade rural”. Em paralelo a esses registros, os moradores passaram a relatar aos jornalistas as histórias de preconceito e isolamento que pautavam a vida daquele lugar. Quando o cineasta Alfredo Alves, da produtora BemVinda filmes, tomou conhecimento sobre os relatos de difamação vividos pelas mulheres de Noiva do Cordeiro, decidiu produzir um filme contando a história da comunidade. O documentário, narrado pela escritora Lya Luft, foi exibido para todo o Brasil em 2008 pelo canal GNT, tendo por narrativa central a história de discriminação sofrida, principalmente, pelas mulheres de Noiva do Cordeiro.

7.1 DOCUMENTÁRIO “NOIVAS DO CORDEIRO”

O documentário “Noivas do Cordeiro, de aproximadamente 43 minutos, foi produzido pela empresa BemVinda Filmes. É narrado pela escritora Lya Luft em locução em *off*⁸ e se estrutura conjugando tanto depoimentos de moradores da comunidade Noiva do Cordeiro quanto por sujeitos da cidade de Belo Vale. A primeira fala que se evidencia é de um jovem morador da cidade, Vagner, que relata os boatos que ouvia na ocasião: “Em Belo Vale, eu ouvi dizer que existia um bar em que as mulheres faziam desfiles nuas e que tinha um casarão que era prostíbulo”. A partir desse testemunho a história da comunidade é contada de maneira cronológica, tal como anunciado pela voz da narradora: “Há mais de um século somos chamadas de prostitutas: nossa história começou com Maria Senhorinha”. Tendo em vista essa estrutura narrativa, o preconceito vivido naquele momento pelos moradores é relatado a partir da história que funda a comunidade no final do século XIX. Seus membros mais antigos recobram certo episódio de adultério: “Maria Senhorinha largou o marido para viver com o amante, de quem estava grávida”. Eles também relatam o isolamento ao qual o casal foi submetido, como no depoimento da neta deles, dona Delina: “Eu ouvi falar que o padre amaldiçoou e aí ninguém comunicava com eles”.

Um segundo momento marcante na história da comunidade erige-se em torno da criação da Igreja Evangélica Noiva do Cordeiro, nos anos de 1940. Por quase 50 anos o pastor impôs uma rígida rotina religiosa, conforme atesta Doraci, também moradora daquele lugar: “tudo o que era do mundo a gente não podia. Não podia ter controle de natalidade. Tinha que ir à Igreja todo dia e fazer jejum 3 vezes por semana, a gente não podia ter muita amizade com gente lá fora que não fosse da Igreja”. O documentário segue dando voz a outros moradores, que também relatam as histórias de privações sofridas e a nova onda de boatos que recaíram sobre as mulheres da comunidade. Acerca de tais boatos, Antônio, morador de Belo Vale afirma que: “o povo de Belo Vale, muito católico e com o padre que discriminava evangélico, começou uma discriminação muito grande, começaram a pichar as mulheres como prostitutas. Quando elas iam à cidade ninguém cumprimentava”.

Depois de anos de intensa pobreza e isolamento os moradores de Noiva do Cordeiro decidiram, em função da morte do pastor no ano de 1995, não ter mais religião, passagem narrada por Lya Luft da seguinte forma: “decidimos não ter mais igreja, descobrimos que

⁸ Diz respeito a um texto narrado sob imagens, recurso audiocisual usado para descrever o que é exibido na cena.

éramos um povo temente a Deus, mas que queria viver sem religião”. Em uma sequência de depoimentos, as moradoras da comunidade relatam o preconceito e os boatos que surgiram com o fim da igreja: “Quando nós era crente, condenavam também. Nós largou a igreja e agora diz que é tudo sem vergonha, que virou pro outro lado. Até minha casa, chamou de zona”⁹. Corrobora para a conformação desse enquadramento representacional a fala do sr. Antônio, morador de Belo Vale que em certo ponto de seu testemunho afirma: “olha as putas aí, era assim que falavam. E como elas são muito bonitas, usavam minissaia e andavam em grupo, o pessoal da cidade olhava com muita crítica”.

Tendo-se em vista tais narrativas, podemos dizer que a história do preconceito vivido pelas mulheres de Noiva do Cordeiro subdivide-se em três momentos: século XIX: a excomunhão pela Igreja Católica; década de 1940: a formação da igreja evangélica; e, década de 1990: a comunidade sem religião. Embora essa dimensão cronológica possa sugerir uma relação causal para explicar o preconceito, é possível afirmarmos, também, que tais enquadramentos mostram-se imbricados a certas formas ideológicas de representação que visam demarcar o lugar social atribuído a tais mulheres. Nesses termos, aquele grupo que não seguia os mesmos costumes locais como o casamento formal e a religião católica passa a ser objetivado de forma a manter as relações de força em evidência, sendo as informações sobre elas organizadas e disseminadas de maneira que não sejam integradas ao tecido social. Com isso, evidencia-se que essas representações sociais assumem uma função justificadora: os conteúdos por elas performados e ancorados na esfera do coletivo justificam certos comportamentos e tomadas de posição em relação a essas mulheres.

Nos depoimentos, diferentes expressões são evocadas com a finalidade de se outorgar uma representação identitária a essas mulheres. Os moradores de Belo Vale mencionam, por mais de uma vez, que “elas eram chamadas de putas, de prostitutas”. Construções objetivadas e reforçadas pelo binarismo que colocam em lados opostos homens e mulheres, reforçando, assim, representações ideológicas assimétricas do “ser mulher” (AMÂNCIO, 1993, p. 131). Por sua vez, os depoimentos dos moradores da comunidade concentram-se na questão do isolamento: “qualquer lugar que a gente ia era tratada com muita indiferença”. “O povo da

⁹ Depoimento de dona Delina no documentário “Noivas do Cordeiro”. Por se tratar de depoimentos, optamos por transcrever, tal como enunciadas, as falas de cada depoente.

sede do município tratava a gente mal, na área da saúde, da educação.” “Em todo lugar o atendimento era precário”.

Ainda se pautando pela história da comunidade, a última parte do documentário acena para o movimento de “virada dessa narrativa”, sendo mais preciso, de ressignificação dessas representações atribuídas, uma vez que os depoentes passam a relatar acontecimentos recentes que outorgaram “respeito” a essas mulheres. Tal mudança de sentido começa a se efetivar a partir da criação da associação rural, da eleição de uma vereadora nascida e criada em Noiva do Cordeiro, da abertura da comunidade ao turismo e da implementação da internet: “por ser a primeira [comunidade] da zona rural [a possuir internet], isso chamou atenção da mídia e através disso, quando as primeiras reportagens veio, a gente contou a história e fez com que eles preocupassem em defender a gente. E foi através dessa divulgação que a gente vem conquistando respeito¹⁰.” Por meio dessas falas podemos observar que a narrativa passa a ser construída de modo a demarcar que aquelas representações produzidas inicialmente sobre as mulheres pertencem ao passado. Com isso, torna-se evidente um movimento de deslocamento dos sentidos objetivadores das representações sociais dos moradores de Noiva do Cordeiro. Se até então as narrativas representacionais giravam em torno das histórias de isolamento e preconceito, a partir de agora o foco central da enunciação se volta para aquilo que congrega a comunidade, dando, pois, visibilidade ao modo de vida com o qual esses sujeitos se identificam.

Modo de vida que tem no trabalho, sobretudo no trabalho coletivo com a terra seu primeiro ponto de ancoragem: “a gente faz tudo em mutirão, todo mundo ajuda a arar a terra, a colher e tudo é pro nosso consumo mesmo, nada é para venda”. Forma gregária de socialização que encontra no lazer comunitário mais uma de suas formas expressivas, eis o que assimilamos da seguinte afirmativa: “o teatro agrada todo mundo, adolescentes e o idoso. O forró: todo mundo adora dançar forró. Tem as brincadeiras, baralho, jogar conversa fora, contar piada, tudo que é movimento de reunir porque todo mundo junto já diverte”.¹¹ Não sem razão, no contexto do documentário, quando esses marcadores de sentido ganham força, as imagens das mulheres passam a ser captadas sempre em situações de interação grupal, seja trabalhando na lavoura, cuidando dos filhos ou mesmo se divertindo.

¹⁰ Depoimento de Elaine Fernandes, moradora da comunidade, no documentário “Noivas do Cordeiro”.

¹¹ Depoimento de Flávia Emediato, moradora da comunidade, no documentário “Noivas do Cordeiro”.

Recurso visual que, em consonância com os depoimentos, delineiam outras matrizes de representação para os moradores de Noiva do Cordeiro, em particular para as mulheres, que, de “putas” e “excomungadas”, requerem serem vistas como “mulheres trabalhadoras”, “guerreiras¹²” e pertencentes a uma comunidade cuja identidade social se constrói coletivamente, ou, como afirma uma das depoentes: “o que eu acho mais importante aqui: ninguém se destacar. Nós somos a Noiva do Cordeiro, não somos eu¹³”. Tendo isso por referência, nos perguntamos: qual o lugar das dinâmicas informacionais no cerne desse movimento de reposicionamento representacional?

Se em um primeiro momento dessa narrativa as dinâmicas informacionais são instituídas tendo-se por objetivo demarcar social e ideologicamente o lugar atribuído às mulheres de Noiva do Cordeiro, em outro momento a informação surge como dispositivo de produção e disseminação de sentidos responsável por reorientar os modos pelos quais essas mesmas mulheres expressam quem são e com quais representações identitárias se identificam.

Dito isso, retomamos aqui nossa questão inicial: de quais maneiras a informação, em sua dimensão social e simbólica, permeia a elaboração das representações identitárias que envolvem as mulheres da comunidade rural Noiva do Cordeiro? Por meio do percurso teórico-conceitual traçado e em conjunção com as análises acima apreendidas, podemos demarcar que é no domínio informacional que as representações sociais e identitárias referentes à comunidade Noiva do Cordeiro se ancoram. Primeiro em sua dimensão ideológica, onde certos estigmas, preconceitos e boatos são acionados, disseminados e objetivados tendo-se em vista manter e enrijecer relações de força e de poder instituídos historicamente. Posteriormente em sua faceta de elaboração coletiva de significados a partir da qual, no cerne dos processos de interação social, certos sentidos e representações são negociados, aceitos ou mesmo rejeitados.

Não sem razão, é por meio do agenciamento de certas práticas informacionais – uso da internet, produção de documentários, educação das crianças na escola da comunidade, realização de eventos midiáticos de diferentes naturezas, entre outras – que os moradores de Noiva do Cordeiro, sobretudo as mulheres, transpõem a condição de agentes passivos do jogo

¹² Depoimento do Sr. Antônio, morador de Belo Vale, no documentário “Noivas do Cordeiro”.

¹³ Depoimento de Cláudia Lima de Almeida, moradora da comunidade, no documentário “Noivas do Cordeiro”.

representacional, apresentando-se, agora, como sujeitos que dizem como querem ser representados. Em outras palavras, como sujeitos que deliberam e que objetivam os contornos de suas próprias representações identitárias. Explicitamos mais alguns aspectos dessa análise nas considerações que se seguem.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo objetivamos discutir de que maneiras a informação, em sua dimensão social e simbólica, permeia os processos de ancoragem e objetivação das representações identitárias edificadas para e pelas mulheres que vivem na comunidade rural Noiva do Cordeiro. Para tanto definimos dois percursos confluentes: o primeiro, de cunho teórico, abordou conceitos como: informação social, formas simbólicas, representações sociais e representações identitárias. O segundo, de natureza analítica, desvelou, por meio do Método de Interpretação de Sentidos, os enquadramentos representacionais que se dão a ver no âmbito do documentário “Noivas do Cordeiro”, concebido e dirigido por Alfredo Alves.

Naquilo que concerne aos resultados, tornou-se evidente como certas dinâmicas e sentidos informacionais impactam diretamente no processo de elaboração e de ressignificação dos quadros representacionais que dizem sobre e conferem lugares determinados para as mulheres dessa comunidade rural. Nesse sentido, representá-las como prostitutas seria, por exemplo, um recurso ideológico acionado para rotular e marginalizar comportamentos sociais em “desacordo” com a moral sexual vigente, em função desta se mostrar vinculada ao controle religioso e aos ditames de um casamento formal. Constatação que acaba por referendar aquilo que foi enunciado por Amâncio (1992), para quem as expectativas de comportamento associadas ao feminino não são apenas diferentes, elas são assimétricas porque prescrevem, por exemplo, papéis e modos de atuação socialmente marginalizados em relação aos homens.

É, pois, por se configurarem como relações assimétricas que podemos falar, de acordo com Thompson (2000), em representações sociais ancoradas em formas simbólicas sustentadas por relações de dominação. Por sua vez, a informação também se converteu em elemento estruturante do movimento de ressignificação, por parte das mulheres da comunidade, das representações a elas atribuídas. Produzindo, disseminando e agenciando informações sobre si mesmas, elas passaram a urdir a teia de sentidos a partir da qual estruturam suas representações identitárias. Em consequência disso, mesmo que a narrativa

engendrada pelo documentário não tenha ficado totalmente sob o controle dos moradores da comunidade, uma vez que feito pela produtora e exibido em um canal de mídia tradicional (GNT), foram os testemunhos e o modo como cada mulher se posicionou no cerne dessa narrativa que outorgaram novos sentidos representacionais para si mesmas e para a história daquele grupo.

Dito isso, ao se perceberem como sujeitos que podem falar e que podem produzir informações sobre si mesmas, as mulheres de Noiva do Cordeiro assumiram tanto individual quanto coletivamente a tarefa de deliberar sobre os processos de construção de suas representações identitárias “a partir de práticas de liberdade”. (RAGO, 2008, p.52). Portanto, no caso dos moradores de Noiva do Cordeiro, contar sobre si mesmos e organizar as informações da própria história é, primeiramente, se desfazer de uma identidade, de certos enquadramentos representacionais impostos para, em seguida, (in)formar quem são, em um processo permanente, dinâmico e ativo em prol da constituição de novos modos de serem percebidos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alfredo. **Noivas do Cordeiro**. 2008. (43m44s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cVmjl1hORxso>. Acessado em: 24/07/2018.
- AMÂNCIO, Lígia. As assimetrias nas representações do gênero. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n.34, fev. 1992, p.9-22.
- AMÂNCIO, Lígia. Gênero: representações e identidades. **Sociologia, problemas e práticas**, n.14, 1993, p.127-140.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Uma história intelectual da Ciência da Informação em três tempos. **RACIn**, João Pessoa, v.5, n.2, p.10-29, jul./dez, 2017. Disponível em: http://racin.arquivologiauepb.com.br/edicoes/v5_n2/racin_v5_n2_artigo01.pdf, Acessado em: 24/07/2018.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.189-217.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, A. M. P. Retomando possibilidades conceituais: uma contribuição à sistematização do campo da informação social. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**; Belo Horizonte, v.23, n.2, p.107-114, jul./dez. 1994.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (Orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004, p.13-26.

- GUARESCHI, Pedrinho A. Representações sociais e ideologia. **Revista de ciências humanas**, Florianópolis: EDUFSC, Edição Especial Temática, p.33-46, 2000.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.103-133.
- JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005
- JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. **As representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p.17-44.
- MARTELETO, Regina Maria. Cultura da modernidade: discursos e práticas informacionais. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v.23, n.2, p.115-137, jul./dez. 1994.
- MARTELETO, Regina Maria. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. **Informare: Cad. Prog. Pós-Graduação Ciência Informação**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.11-23, jul.dez.1995.
- MARTELETO, Regina Maria; PIMENTA, Ricardo Medeiros (Orgs.). **Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação**. Rio de Janeiro: Garamond. 2017.
- MARTINS, Ana Amélia Lage. **Informação e movimentos sociais sob a perspectiva do campo social da Ciência da Informação: uma análise a partir da marcha das vadias**. 2015. 172f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- PENN, Gemma. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.319-342.
- RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- RAGO, Margareth. Novos modos de subjetivar: a experiência da organização Mujeres Libres na Revolução Espanhola. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(1): 288, jan./abr. 2008, p. 180-206. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100019/5529>. Acessado em: 24/07/2018.
- REIS, Alcenir Soares dos; CABRAL, Ana Maria Rezende. **Informação cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007.
- ROESE, Anete; SCHULTZ, Adilson. Modos de vida alternativos: o caso da comunidade Noiva do Cordeiro. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v.3, n.5, nov. 2010, p.152-158.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, 20(2): 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acessado em: 24/07/2018.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e discursos identitários: uma leitura sócio-histórica dos depoimentos colhidos pelo Projeto Memória Oral da Biblioteca Mário de Andrade (BMA). **Tendências da pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, v.5, n.1, 2012, 23p. Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/76/118>. Acessado em: 24/07/2018.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2000.